

Uma crônica, várias crônicas: exercício de análise genética

Mestranda Isabel Gouveia Ferreira Lima¹ (UFC)

Resumo:

Esta comunicação objetiva divulgar resultados parciais da pesquisa realizada com manuscritos de crônicas do escritor cearense Moreira Campos, publicadas no jornal O Povo, de Fortaleza. Selecionamos o texto do dia 8 de dezembro de 1989, datilografado e com interferências autógrafas. Investigaremos as lições contidas nesse manuscrito. A fonte para nosso estudo é o acervo do escritor, doado recentemente à Universidade Federal do Ceará, o que vem permitindo, nesta instituição, o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos que têm como base teórica a Crítica Genética.

Palavras-Chaves: Crítica Genética, Acervo Pessoal de Escritores, Moreira Campos.

Pesquisei os manuscritos autógrafos de José Maria Moreira Campos, para elaboração de dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Tais manuscritos fazem parte do *Arquivo-Museu do Escritor Cearense* - AEC, novo equipamento da UFC, espaço democrático de acesso à cultura, pesquisa e preservação da memória regional.

Moreira Campos, consagrado pela crítica como “contista por excelência”, ou o “mestre do conto”, publicou várias crônicas em jornal. Encontram-se na extinta coluna *Porta de Academia*, seção do Caderno *FAME*, do jornal cearense *O Povo*, entre os anos de 1987 e 1994. O Caderno, editado primeiramente aos sábados, e depois aos domingos, tinha como assunto geral a sociedade fortalezense. Fotografias de eventos e personalidades ao lado de anúncios publicitários ilustravam as oito páginas do exemplar. A primeira edição de *FAME* deu-se em 13 de agosto de 1977. A colaboração de Moreira Campos, no entanto, teve início 10 anos mais tarde, no dia seis de junho de 1987. Sua estréia coincidiu com a 500ª edição do Caderno. O convite partiu do jornalista e editor Lúcio Brasileiro, assim como a sugestão do título, *Porta de Academia*, justificado por significar “a voz autorizada” e integrante da Academia Cearense de Letras.

Na coluna de periodicidade semanal, Moreira Campos debruçou-se sobre aspectos vários do cotidiano, dentro da liberdade temática que lhe era oferecida: “Vou assim do sério ao mero entretenimento, levado pela possível inspiração (ou transpiração?)”, tendo revelado certa vez aos leitores suas preferências: “(...) comentário a um ou outro livro, um registro ligado à literatura, uma figura expressiva das Letras, um evento qualquer da mesma natureza”, que não excluía “o comentário leve, até anedótico ou poético”. Utilizou-se da versatilidade da crônica e seu diálogo com outros gêneros, como a carta, por exemplo: “Caríssima Rachel de Queiroz: estou aqui para justificar (...) a minha ausência às justas e merecidas homenagens que lhe têm sido prestadas”; e não a entendeu como um “gênero menor”, partindo de modo sensato, em oito de agosto de 1993, em sua defesa:

Alguns críticos afirmaram, pelo menos no passado, que a crônica pelo que tem de efêmero, não é gênero literário. Possui a duração do jornal em que é comumente publicada, e nada mais velho hoje do que o jornal

de ontem. Penso de modo diverso e levo tudo à conta da capacidade artística da realização. Se a crônica é esteticamente bela impõe-se como obra perfeita, a altura de rivalizar com qualquer outro gênero. Que diferença estabelecer hoje, por exemplo, entre o conto-atmosfera de que foi precursora Katherine Mansfield, e a crônica poética de um Rubem Braga ou de um Paulo Mendes Campos? Difícil estabelecer fronteiras, fixar limites rigorosos.

Do estreito contato com os documentos que fazem parte do acervo do autor, localizei um conjunto de manuscritos das crônicas de *Porta de Academia*.

O estudo desses manuscritos encontra suporte na Teoria da Crítica Genética. Originada na França, na década de 60 do século passado, quando Louis Hay e uma pequena equipe de pesquisadores se dedicaram à organização dos manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, surgiu “como o desejo de compreender melhor o processo de criação artística, a partir dos registros deixados pelo artista deste seu percurso” (SALLES, 2000, p.18). Assim, “(...) o geneticista, assumindo sua própria subjetividade (portanto sem procurar imitar a do escritor), construirá hipóteses sobre a trajetória escritural do processo em questão”(GRÉSILLON, 1991, p.11)

No Brasil, a chegada desse novo campo de pesquisa coincide com a realização do *I Colóquio de Crítica Textual*, organizado por Philippe Willemart, na Universidade de São Paulo, em 1985.

O objeto de estudo da Crítica Genética é o manuscrito moderno. E sobre os objetivos da abordagem genética, Pierre-Marc de Biasi elenca-os de modo preciso:

Analisar o documento autógrafo para compreender, no movimento mesmo da escritura, o mecanismo de produção do texto; elucidar o procedimento do escritor e o processo que presidiu à emergência da obra, elaborar conceitos, métodos e técnicas que permitem explorar cientificamente o precioso patrimônio de manuscritos modernos, conservados há quase dois séculos nos arquivos ocidentais (BIASI, 1997, p. 4).

No caso de Moreira Campos, o acompanhamento de seu processo de criação torna-se interessante quando se verifica seu cuidado com a preservação dos *bastidores* do fazer literário. Seja pela quantidade de documentos guardados, seja quando, em crônica publicada em 28 de janeiro de 1989, nos conta sobre a reorganização que faz de sua biblioteca pessoal e revela um questionamento que o aflige:

o que se deve ainda preservar ou eliminar, se tudo de leitura é também de criação? Velhos papéis avulsos, diria Machado. De resto, quando saberemos nós que o livro, caderno ou rascunho, já não é necessário? (...) São pedaços de nós mesmos.

A proposta do trabalho ora aqui apresentada é a de expor resultados parciais da pesquisa que, somente quando concluída, estabelecerá hipóteses sobre o processo criativo de Moreira Campos no conjunto de crônicas publicadas na *Porta de Academia*.

Nesta breve comunicação, utilizo como exemplo a crônica publicada no dia oito de dezembro de 1989 para tecer comentários sobre algumas interferências efetuadas pelo autor.

Tomo como base o manuscrito referente a essa publicação, sendo assim descrito: uma folha avulsa de papel sulfite cortada em ¼, datilografada, frente e verso, com interferências do escritor a grafite e à máquina.

O texto trata, referindo-se à sua temática, da relação entre a juventude e o livro. O cronista estabelece um paralelo entre os jovens de sua geração, a que chama “geração do soneto”, e aqueles do momento presente. O tema é trabalhado de forma argumentativa, em uma narrativa informal e breve. Além disso, o humor, encontra-se presente em pequenos “à partes” entre parênteses.

Sobre os tipos de interferências no manuscrito, encontramos: algumas a máquina, destacando-se com maior frequência a letra “x” sobre as palavras, invalidando o que está subjacente; e outras a grafite, sugerindo o momento em que o autor torna-se leitor/revisor de seu próprio texto, quando, com o papel fora da máquina de escrever, ele se dedica a suprimir, deslocar e/ou acrescentar palavras e sintagmas. Neste momento, os tipos de interferências são riscos horizontais indicando supressão, e palavras manuscritas, nas entrelinhas, completando uma oração ou corrigindo uma palavra grafada errada.

Sobre as lições (termo aqui empregado com sentido de “variante textual”) observadas no manuscrito, tem-se um total de três lições. A primeira corresponde ao projeto inicial do autor, datiloscrito, e que se encontra subjacente às rasuras. A segunda lição é representada pelo texto após intervenções à máquina. E a terceira, que incorpora as intervenções à máquina e acrescenta outras à grafite.

Para assinalar os tipos de ocorrências no texto, utilizo o código de transcrição, do qual selecionei os símbolos que atendem as necessidades para essa transcrição, particularmente:

< >	Acréscimo na entrelinha
{ }	Substituição na linha
/ /	Substituição na entrelinha
[]	Supressão
~ ~	Deslocamento

Apresento agora trechos selecionados para tecer comentários sobre as lições visualizadas nesse manuscrito.

Trecho 1

L. 2,3

lição 1

essa mesma mocidade é mais vítima que agente da situação.

lição 2

essa mesma mocidade é mais vítima que agente [da situação].

lição 3

essa mesma mocidade é mais vítima que agente / desse estado de coisas /.

Acompanhando gradativamente as intervenções do autor nas lições acima, visualizamos as seguintes possibilidades: uma supressão seguida de acréscimo na entrelinha ou simplesmente uma substituição na entrelinha. Não é preciso, neste caso, elegermos um dos dois procedimentos. Interessa-nos, sobretudo, neste tipo de análise, expor possibilidades de reescritura empreendida pelo autor e trabalhar sobre a multiplicidade de interpretações. No entanto, independente de qual intervenção foi pensada originalmente, podemos constatar que o procedimento foi de ordem estilística, sem acarretar maior consequência ao nível semântico.

Trecho 2

L. 5-7

lição 1

Hoje os apelos, os chamados, são muitos: o cinema, a televisão, o rádio, a praia, os múltiplos esportes, a pílula.

lição 2

Hoje os apelos, os chamados, são muitos: o cinema, a televisão, o rádio, a praia, os múltiplos esportes a pílula < (o que eu perdi, meu Deus!). >

A variação entre as lições produzidas pelo autor revela um acréscimo na entrelinha. Esse tipo de interferência, no geral, “se trata de algo de pensado, intencionalmente estilístico, com a finalidade (bem definida) de completar e otimizar a representação do *real*, através da apensação de adjetivos a substantivos e a grupos nominais (...), ou da introdução de complementos circunstanciais ou até mesmo de frases completas” (DUARTE, 1993, p. 19-20).

A frase entre parênteses contém traço acentuado de humor, característica marcante do gênero e revela um tom coloquial. O mesmo procedimento repete-se em outras crônicas e justifica-se pelas próprias intenções do escritor naquela coluna, de ser “leve, descompromissado, como requer um pequeno canto de jornal”.

Trecho 3

L. 27-29

lição 1

Assim, o livro vem morrendo, ressalvadas as tais chatíssimas exceções o moço é obrigado compelido a afastar-se dele, ressalvadas as tais chatíssimas exceções.

lição 2

Assim, o livro vem morrendo, [ressalvadas as tais chatíssimas exceções] o moço é { obrigado } compelido a afastar-se dele, ~ ressalvadas as tais chatíssimas exceções ~.

Neste trecho encontra-se um exemplo de substituição na linha: o verbo no particípio passado, *obrigado*, é substituído pelo verbo *compelir*, que se apresenta na mesma forma verbal. Em casos como esse, segundo Biasi,

Estamos (...) perante um processo de correção que funciona mais a nível predicativo do que funcional: o Autor usa da liberdade de empregar esta ou aquela palavra lexical, com maiores ou menores conseqüências a nível do sentido, mas respeitando a estrutura gramatical que parece estar subjacente ao enunciado, e que poderá ser uma emergência do discurso interior que procura cristalizar através da escrita. (DUARTE, 1993, p.18)

A diferença semântica entre os verbos é encontrável: enquanto o verbo *obrigar* evoca um sentido de submissão a uma imposição legal ou moral, o verbo *compelir*, que aqui tem o mesmo sentido de *impelir*, remete, além da idéia de imposição, a de coação.

A outra interferência no trecho citado caracteriza-se como um deslocamento: “um elemento signifiante é transferido de um lugar do enunciado para outro, por avanço ou por recuo” (DUARTE, 1993, p. 21). Ao deslocar o conjunto “ressalvadas as tais chatíssimas exceções” o autor muda o ponto de vista da referência. O termo *exceções* passa a referir-se ao substantivo *moço*, e não mais a *livro*.

Conclusão Parcial

Como deixei claro anteriormente, somente após o cotejo e análise do conjunto documental completo das crônicas de *Porta de Academia* será possível apresentar conclusões sobre o processo de criação de Moreira Campos cronista.

Por hora, basta-nos a confirmação de que, mesmo em breve e “descompromissado” texto, publicado numa “pequena coluna”, existe um signifiante número de interferências, resultado de um fazer criterioso.

Referências Bibliográficas

- [1] BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: **Métodos críticos de investigação literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- [2] CAMPOS, Moreira. Porta de Academia. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 1987-1994.
- [3] DUARTE, Luiz Fagundes. **A fábrica dos textos**: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz, Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
- [4] GRÉSILLON, Almuth. “Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética”. In: **ESTUDOS AVANÇADOS**, v. 5, nº 11. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.
- [5] SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética**: uma (nova) introdução. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2000.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC, na condição de bolsista Capes-Reuni.